

Ana Beatriz Neto Dos Santos

VALIDAÇÃO DA VERSÃO PORTUGUESA DA SOCIAL- EMOTIONAL EXPERTISE (SEE) SCALE



ESCOLA SUPERIOR DE ALTOS ESTUDOS

**Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica
Área de Especialização em Terapias
Cognitivo-Comportamentais**

COIMBRA, 2021



**Validação da Versão Portuguesa da *Social-Emotional Expertise*
(SEE) Scale**

ANA BEATRIZ NETO DOS SANTOS

Dissertação Apresentada ao ISMT para Obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica
na Área de Especialização Terapias Cognitivo-Comportamentais

Orientadora: Professora Doutora Marina Cunha, Professora Auxiliar, ISMT

Membro do júri

Presidente: Professora Doutora Ana Galhardo, Professora Auxiliar, ISMT

Arguente: Professora Doutora Ilda Massano Cardoso, Professora Auxiliar, ISMT

Coimbra, setembro de 2021

Agradecimentos

Aos meus pais por todo o amor, incentivo e apoio proporcionado ao longo de todo o meu percurso académico. Um sonho partilhado, que sem eles não teria sido possível.

À Professora Doutora Marina Cunha por toda a ajuda, suporte, encorajamento e saberes partilhados. Muito obrigada!

Aos membros do júri, a Professora Doutora Ana Galhardo e a Professora Doutora Ilda Massano Cardoso por presidir e arguir a defesa da minha dissertação.

A todo o corpo de docentes, e equipa que constitui o Instituto Superior Miguel Torga, pelo caloroso acolhimento, convivência diária e conhecimentos partilhados ao longo destes cinco anos académicos. Bem hajam!

A todos aqueles, que de alguma forma contribuíram na minha evolução pessoal e profissional, onde os desafios foram muitos, mas o suporte nunca faltou. Gratidão!

A todos, obrigada de coração!

ARTIGO

Santos, A.B., Cunha, M., Massano-Cardoso, I. & Galhardo, A. (2021). Validação da Versão Portuguesa da *Social-Emotional Expertise Scale*. Manuscrito submetido para publicação na *Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social*.

Título: Validação da Versão Portuguesa da *Social-Emotional Expertise Scale*.

Title: Validation of the Portuguese Version of the Social-Emotional Expertise.

Runnig Title: Versão Portuguesa da *Social-Emotional Expertise Scale*.

Autores:

Ana Beatriz Santos ¹ (ORCID: 0000-0002-7637-2383) Licenciada

Marina Cunha ^{1,2} (ORCID: 0000-0002-5957-1903) PhD

Ilda Massano-Cardoso ^{1,3,4} (ORCID: 0000-0003-2510-2348) PhD

Ana Galhardo^{1,2} (ORCID: 0000-0002-3484-6683) PhD

Os dois primeiros autores tiveram um papel fundamental no desenvolvimento do trabalho, nomeadamente no desenho da investigação, recolha de dados, tratamento, análise e discussão dos dados e na elaboração do manuscrito. O terceiro e quarto autores deram um contributo na reflexão crítica dos resultados e revisão final do manuscrito.

Afiliações:

¹ Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra, Portugal. Largo da Cruz de Celas, nº1, 3000- 132 Coimbra, Portugal.

² Universidade de Coimbra, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Centro de Investigação em Neuropsicologia e Intervenção Cognitivo-Comportamental (CINEICC), Portugal. Rua do Colégio Novo, 3000-115 Coimbra, Portugal.

³ Universidade de Coimbra, Faculdade de Medicina, Azinhaga de Sta. Comba, 3000-548 Coimbra, Portugal.

⁴ Universidade de Coimbra, Faculdade de Economia, Centro de Estudos e Investigação em Saúde (CEISUC), Av. Dr. Dias da Silva, 165, 3004-512 Coimbra, Portugal.

Resumo

Introdução: Lidar com as emoções, gerir sentimentos e saber estabelecer relações interpessoais são algumas competências socioemocionais que se tornaram tão relevantes, quanto as competências cognitivas, na promoção da autonomia, bem-estar e sucesso do indivíduo nas mais diversas áreas da vida. Deste modo, o desenvolvimento de instrumentos que avaliem as competências socioemocionais são cruciais, possibilitando uma compreensão do papel destas competências e um adequado planeamento de estratégias de intervenção.

Objetivo: Traduzir e validar a escala *Social-Emotional Expertise* (SEE) para a população Portuguesa. Especificamente, foram analisadas a estrutura fatorial da SEE, fidedignidade e a sua validade convergente e divergente correlacionando-a com outras variáveis de relevo.

Método: A amostra foi constituída por 258 participantes (210 mulheres e 48 homens), com idades compreendidas entre os 18 e os 64 anos. Os participantes preencheram um protocolo *online* que incluiu um questionário sociodemográfico, a SEE, a *Schutte Emotional Intelligence Scale* (SEIS), a *Subjective Happiness Scale* (SHS), e a *Social Interaction Anxiety Scale* (SIAS). Uma subamostra completou a SEE uma segunda vez, quatro semanas após a primeira administração para efeitos da análise da fidedignidade temporal.

Resultados: A SEE apresentou uma estrutura bifatorial composta pelos fatores Adaptabilidade e Expressividade. Revelou uma boa consistência interna ($\alpha = .93$) para o total e respetivos fatores ($\alpha_{\text{Adaptabilidade}} = .92$; $\alpha_{\text{Expressividade}} = .83$) e uma adequada fidedignidade teste-reteste ($r = .58$; $p < .001$). Mostrou associações positivas com a inteligência emocional ($r = .58$; $p < .001$) e a felicidade subjetiva ($r = .26$; $p < .001$), e associações negativas com a ansiedade de interação social ($r = -.36$; $p < .001$). Não foram encontradas diferenças significativas de género, e a idade e escolaridade não se mostraram associadas às competências socioemocionais avaliadas pela SEE.

Discussão: A escala *Social-Emotional Expertise* mostrou ser um instrumento válido e fidedigno para avaliar as competências socioemocionais em adultos na população Portuguesa.

Palavras-chave: Competências Socioemocionais; SEE; Validação; Instrumento; Avaliação.

Abstract

Introduction: Dealing with emotions, managing feelings and knowing how to establish interpersonal relationships are some of the socio-emotional skills that have become as relevant, as cognitive skills, in promoting the individual's autonomy, well-being and success in the most diverse areas of life. Thus, the development of instruments that assess socio-emotional skills is crucial, enabling an understanding of the role of these skills and adequate planning of intervention strategies.

Objective: Translate and validate the *Social-Emotional Expertise* (SEE) scale for the Portuguese population. Specifically, the factorial structure of the SEE, reliability and its convergent and divergent validity were analyzed, correlating it with other relevant variables.

Method: The sample consisted of 258 participants (210 women and 48 men), aged between 18 and 64 years old. Participants completed an online protocol that included a sociodemographic questionnaire, the SEE, the Schutte Emotional Intelligence Scale (SEIS), the Subjective Happiness Scale (SHS), and the Social Interaction Anxiety Scale (SIAS). A sub-sample completed the SEE a second time, four weeks after the first administration, for the purpose of temporal reliability analysis.

Results: The SEE presented a bifactorial structure composed by the Adaptability and Expressiveness factors. It revealed good internal consistency ($\alpha = .93$) for the total and respective factors ($\alpha_{\text{Adaptability}} = .92$; $\alpha_{\text{Expressivity}} = .83$) and an adequate test-retest reliability ($r = .58$; $p < .001$). It showed positive associations with emotional intelligence ($r = .58$; $p < .001$) and subjective happiness ($r = .26$; $p < .001$) and negative associations with social interaction anxiety ($r = -.36$; $p < .001$). No significant gender differences were found, and age and education were not associated with socio-emotional skills assessed by the SEE.

Discussion: The Social-Emotional Expertise scale proved to be a valid and reliable instrument to assess social-emotional skills in adults in the Portuguese population.

Keywords: Socioemotional Skills; SEE; Validation; Instrument; Evaluation.

Introdução

O dispor de competências cognitivas e socioemocionais tem vindo a mostrar-se um fator fulcral no que refere ao processo evolutivo do ser humano. Desenvolver competências é considerado um procedimento de aprendizagem a longo prazo, tendo como objetivo, que o indivíduo adquira capacidades, conhecimentos, habilidades, valores e atitudes. Esta aprendizagem irá permitir que o indivíduo aprimore o seu *empowerment*, e enriqueça a sua autonomia, dando-lhe ferramentas para defrontar eventuais desafios pessoais e/ou profissionais (Marinho-Araujo & Almeida, 2016; Ruiz & Moya, 2020). Segundo Santos e Primi (2014), as competências classificam-se em duas vertentes; as que fazem referência às capacidades e conhecimentos académicos, denominadas de competências cognitivas, e as desenvolvidas através de experiências sociais e afetivas, nomeadas de competências socioemocionais (Weissberg et al., 2015).

As competências cognitivas desenvolvem-se no âmbito escolar, e são proporcionadas pelos agentes dos sistemas educativos que, em articulação com o núcleo familiar e comunitário, potencializam em simultâneo, não só estas competências, mas também as socioafetivas, através da aprendizagem socioemocional (Weissberg et al., 2015).

No que refere às competências socioemocionais, também denominadas de competências “não cognitivas”, estas articulam-se com uma ampla gama de características pessoais do indivíduo (personalidade, motivação, valores e interesses) que não podem ser medidas pelos mesmos testes ou escalas que as competências cognitivas. As competências socioemocionais tendem a manifestar-se através de padrões de comportamentos, cognições e afetos relativamente consistentes, que podem ser moldados ao longo do desenvolvimento do indivíduo, por meio da aprendizagem e da socialização, tendo em consideração que a atuação genética (herdabilidade) exerce uma influência inabalável nas mesmas (Lechner et al., 2019; Vukasović & Bratko, 2015; Kandler & Zapko-Willmes, 2017). Quando falamos de competências socioemocionais, devemos ter presente que estas são o resultado da interação entre competências sociais e competências emocionais que integram, de forma interdependente, o processo evolutivo do ser humano.

A aquisição de competências sociais irá permitir que o indivíduo consiga ter uma vida social ativa, estabelecendo relações interpessoais com sucesso, sendo que a ausência das mesmas em etapas mais precoces da vida, poderá vir a comprometer a evolução para as

seguintes fases, onde o indivíduo poderá vir a manifestar comportamentos antissociais, embora os mesmos não dependam exclusivamente da carência destas competências (Morgado & Dias, 2016).

Em relação às competências emocionais, estas desempenham um papel relevante na forma como o indivíduo lida com a frustração, a automotivação, assim como no modo como gere sentimentos de raiva e fomenta a empatia, que irão ajuda-lo em momentos de adversidade (Pérez & Filella, 2019). Em suma, de acordo com Salmela-Aro e Upadyaya (2020), a utilização de competências socioemocionais é essencial para o sucesso e bem-estar dos jovens na sociedade, assim como para promover o seu encorajamento.

Na adolescência é frequente encontrar níveis elevados de preocupação, ansiedade e depressão, que podem, por vezes, ser acompanhados de comportamentos autolesivos (Gaspar et al., 2019). Estes sintomas ou dificuldades emocionais variam, dependendo do género e da escolaridade do indivíduo, e são, cada vez mais, alvo de intervenções a nível psicológico e educacional, com a finalidade de promover competências socioemocionais. Estas intervenções visam, na generalidade, facultar aos jovens, a possibilidade de aprender a autorregular as suas emoções, a resolver os seus problemas, gerir conflitos e aumentar a sua autoconfiança (Gaspar et al., 2019).

Na última década, a investigação sobre as competências socioemocionais na área educacional tem vindo a aumentar substancialmente (Lechner et al., 2019). Consensualmente, tem sido apontada a importância da inclusão das competências socioemocionais nos sistemas educativos do indivíduo, seja em contexto escolar, comunitário ou familiar, reconhecendo que esta base poderá proporcionar um maior sucesso académico e um bom desenvolvimento social, reduzindo possíveis comportamentos problemáticos (Abed, 2016; Morgado & Dias, 2016; Pérez & Filella, 2019; Rodrigues et al., 2020; Taylor et al., 2017; Rogers-Ahaw & Carr-Chellman, 2018).

A importância das competências socioemocionais também se reflete no contexto organizacional quando o indivíduo atinge a fase adulta. A presença ou a ausência destas competências nas fases mais avançadas da vida, poderá determinar o sucesso ou o fracasso laboral, condicionando o bem-estar de vida geral do sujeito. Estudos revelam que indivíduos que possuem competências socioemocionais podem atuar no sentido de prevenir a suspensão do cargo laboral seja temporária ou definitiva, faltas recorrentes ao emprego, diminuição dos

rendimentos e dificuldades em ser aceite num posto de trabalho, podendo assim, alcançar estabilidade e produtividade na vida laboral (Lindqvist & Westman, 2011; Thiel & Thomsen, 2013).

Globalmente e de forma consensual, o desenvolvimento de competências socioemocionais tem sido considerado por educadores, psicólogos e economistas um fator relevante para a promoção e manutenção da saúde mental, associado intrinsecamente ao sucesso individual, social e laboral do indivíduo (Santos & Primi, 2014).

Segundo Mahoney e Weissberg (2019), a aprendizagem socioemocional tem vindo a revelar-se um fenómeno fulcral a nível mundial. Diversos países (e.g., Estados Unidos da América, Reino Unido, Irlanda do Norte, Austrália, Suécia), têm vindo a criar programas que visam promover esta aprendizagem nas escolas, desde o ensino pré-escolar até ao ensino superior, salientando a sua importância no desenvolvimento de todos os cidadãos (Humphrey, 2013; Weissberg et al., 2015). Também em Portugal se confirma esta tendência (Coelho et al., 2016).

A relevância de programas de intervenção de competências socioemocionais tem chamado a atenção para a necessidade de uma avaliação fina e rigorosa destas competências. Coelho e Sousa (2020) evidenciaram uma lacuna no desenvolvimento de instrumentos de avaliação das competências socioemocionais, apontando para a pertinência de mais instrumentos de avaliação validados para a população Portuguesa.

O Questionário de Avaliação de Competências Sociais e Emocionais (QACSE), validado para crianças dos 9 aos 12 anos de idade (Coelho & Sousa, 2020), e dos 12 aos 16 (Coelho et al., 2015), assim como QACSE-versão professores (QACSE-P) (Coelho et al., 2014), são instrumentos que avaliam competências e dificuldades socioemocionais. De outro modo, o *Social Skills Rating System* (SSRS) direcionado para pais, alunos e professores (Lemos & Meneses, 2002) é um instrumento que visa avaliar as competências sociais, baseando-se numa perspetiva multidimensional. Estes são alguns exemplos de instrumentos validados para a população Portuguesa.

O estudo das competências socioemocionais não se tem revelado uma tarefa fácil. As dificuldades em chegar a um consenso sobre a terminologia e avaliação das mesmas, levou ao desenvolvimento de diversos estudos orientados pelo modelo “Big Five”, o qual tem sido extensamente utilizado na avaliação de traços da personalidade humana. O modelo “Big

Five” avalia cinco grandes domínios da personalidade humana (extroversão, amabilidade, consciência, estabilidade emocional ou neocriticismo e abertura para a experiência). Devido à forte ligação evidenciada entre as competências socioemocionais e a personalidade, este modelo possibilitou a avaliação das competências socioemocionais, não só através destes cinco grandes domínios globais, mas também por meios de medidas mais específicas (e.g., sociabilidade, compaixão, organização, volatilidade emocional, curiosidade intelectual) que se enquadram dentro dos mesmos (Soto & John, 2017; Rammstedt et al., 2018; Lachner et al., 2019).

A *Social-Emotional Expertise* (SEE) é uma escala que tenciona avaliar competências socioemocionais, nomeadamente, comportamentos e cognições pró-sociais que sustentam as interações sociais bem-sucedidas. Esta escala, inicialmente constituída por 76 itens, resultou numa versão final de 25, evidenciando estatisticamente dois fatores (Adaptabilidade e Expressividade). O fator “Adaptabilidade”, pretende avaliar as competências que o indivíduo possui, para adaptar-se facilmente a uma variedade de relações sociais e emocionais, e o fator “Expressividade”, visa avaliar as capacidades que o indivíduo dispõe, para expor as suas emoções perante os outros (McBrien et al., 2018).

Tendo em conta o presente contexto, caracterizado pelas dificuldades de avaliação das competências socioemocionais e pela necessidade de instrumentos de avaliação das referidas competências para a população Portuguesa, o presente estudo teve como objetivo central traduzir e validar para a população Portuguesa a escala SEE (Anexo 1.). Seguindo as recomendações de Cronbach e Meehl (1955), foi analisada, num primeiro momento, a estrutura fatorial da escala e a sua fidedignidade e estabilidade temporal. Posteriormente, foi avaliada a validade convergente e divergente da SEE, relacionando-a com outros construtos (inteligência emocional (SEIS), felicidade subjetiva (SHS) e ansiedade de interação social (SIAS). Adicionalmente, foram explorados os valores médios da SEE em função do género e associações com a idade e escolaridade.

Materiais e Métodos

Participantes

A amostra deste estudo foi constituída por 258 participantes, 48 do sexo masculino (18.6%) e 210 do sexo feminino (81.4%). Estes apresentaram idades compreendidas entre os

18 e os 64 anos, com uma média de 28.05 ($DP = 11.29$). Os anos de escolaridade dos participantes variaram entre os 3 e os 20 anos, com uma média de 12.98 ($DP = 3.05$). No que refere ao estado civil, 197 dos participantes alegaram ser solteiros/as (76.4%), 53 afirmaram ser casados(as)/união de facto (20.5%) e 8 testemunharam estar separados(as)/divorciados(as) (3.1%).

Instrumentos

O protocolo de avaliação preenchido pelos participantes, incluiu a recolha de dados sociodemográficos, e o preenchimento de quatro escalas.

Questionário Sociodemográfico

Nesta investigação recolheram-se dados sociodemográficos dos participantes tais como o sexo, a idade, o estado civil e a escolaridade. A idade igual ou superior a 18 anos e inferior ou igual a 65 anos foi o critério de inclusão dos participantes na amostra.

Social-Emotional Expertise – SEE (McBrien et al., 2018; Escala de Competências Socioemocionais – ECS; tradução e validação para a população Portuguesa por Cunha, Santos & Novo, 2020)

A SEE é um instrumento que visa avaliar as competências socioemocionais. É composta por 25 itens respondidos numa escala do tipo Likert de cinco pontos (1 – *nunca*; 3 – *neutro*; 5 – *sempre*). Não existem itens invertidos, o que indica que quanto mais elevada é a pontuação, maior é o nível de competências socioemocionais apresentadas pelo indivíduo. A versão original apresenta um alfa de Cronbach de .90 (McBrien, 2018) o que indica que possui uma boa consistência interna.

Schutte Emotional Intelligence Scale– SEIS (Schutte et al., 1998; Escala da Inteligência Emocional de Schutte – EIES; validada para a população Portuguesa por Vicente, 2014)

A SEIS é um instrumento com 27 itens que visam avaliar a inteligência emocional. Os itens estão organizados em 4 dimensões: (1) perceção das próprias emoções (e.g., “Quando sinto uma emoção positiva, sei como fazê-la durar”), com um alfa de Cronbach de .82; (2) componente sociocognitiva das emoções (e.g., “Quando me deparo com obstáculos, lembro-

me de situações em que enfrentei obstáculos semelhantes e os ultrapassei”), com um alfa de Cronbach de .75; (3) percepção das emoções dos outros (e.g., “Reconheço as emoções que as pessoas estão a sentir, olhando para as suas expressões faciais”), com um alfa de Cronbach de .79; e (4) dificuldade na compreensão das emoções (e.g., “É-me difícil compreender as mensagens não-verbais das outras pessoas”), com um alfa de Cronbach de .51. Os participantes utilizam uma escala de Likert de cinco pontos (1 – *discordo totalmente*; 2 – *discordo um pouco*; 3 – *não concordo nem discordo*; 4 – *concordo um pouco*; 5 – *discordo totalmente*). A pontuação pode variar entre os 27 e 135 pontos, quanto maior for a pontuação, maior a Inteligência Emocional do indivíduo. Importante referir que esta escala apresenta dois itens invertidos (“É-me difícil compreender as mensagens não-verbais das outras pessoas.”; “É-me difícil compreender porque é que as pessoas sentem aquilo que sentem.”). A versão portuguesa apresenta um alfa de Cronbach para o total da escala de .89 (Vicente, 2014), o que vai ao encontro do valor obtido na versão original com um alfa de Cronbach de .90 (Schutte et al., 1998), indicando uma boa consistência interna. No presente estudo o total da escala evidenciou um alfa de Cronbach de .90, mostrando uma boa consistência interna.

Subjective Happiness Scale – SHS (Lyubomirsky & Lepper, 1999; Escala da Felicidade Subjetiva – EFS; validada para a população Portuguesa por Pais-Ribeiro, 2012)

A SHS é um instrumento que visa avaliar o grau de felicidade com a vida no geral. É composta por quatro afirmações, em que duas visam a caracterização do próprio por comparação aos seus pares (item dois e três), e outras duas visam identificar a felicidade ou infelicidade do indivíduo (item um e quatro). A escala é do tipo análoga visual com sete posições ancoradas em duas afirmações antagónicas, que pretendem expressar o grau de felicidade ou a ausência da mesma. A pontuação pode variar entre 4 e 28 pontos, sendo que quanto maior for a pontuação, mais feliz é o indivíduo. Esta escala apresenta um item invertido (“Algumas pessoas geralmente não são muito felizes. Embora não estejam deprimidas, elas nunca parecem tão felizes quanto poderiam ser. Em que medida esta caracterização o/a descreve a si?”). A versão original apresentou um alfa de Cronbach de .76 (Lyubomirsky & Lepper, 1999) evidenciando uma consistência interna razoável, e a versão portuguesa um alfa de Cronbach de .86 (Pais-Ribeiro, 2012), indicando uma boa consistência

interna. No presente estudo o total da escala evidenciou um alfa de Cronbach de .75, apresentando uma consistência interna razoável.

Social Interaction Anxiety Scale – SIAS (Mattick & Clarke, 1998; Escala de Ansiedade da Interação Social – EAIS; validada para a população Portuguesa por Pinto-Gouveia & Salvador, 2001)

A SIAS é um instrumento que visa avaliar a ansiedade de interação social. É composta por dezanove itens respondidos com uma escala de Likert de quatro pontos (0 – *não é nada característico da minha maneira de ser*; a 4 – *é extremamente característico da minha maneira de ser*). A pontuação pode variar entre os 0 e 76 pontos, indicando maiores níveis de ansiedade nas interações sociais, quanto mais elevada for a pontuação. A versão inglesa original (Mattick & Clarke, 1998) e a versão portuguesa (Pinto-Gouveia & Salvador, 2001), apresentaram um alfa de Cronbach de .90, indicando uma boa consistência interna. No presente estudo o total da escala evidenciou um alfa de Cronbach de .93, mostrando uma muito boa consistência interna.

Procedimentos

Num primeiro momento, foram requisitadas as autorizações para o uso dos instrumentos aos respetivos autores via correio eletrónico (Apêndice A., Apêndice B., Apêndice C., e Apêndice D.). No caso da *Social-Emotional Expertise Scale* envolveu a autorização para se proceder à tradução do instrumento para a língua portuguesa (Apêndice A.). A equivalência semântica e de conteúdo, necessária para investigações interculturais, foi assegurada pelo método de tradução e retroversão (Erkut, 2010), aplicado por duas investigadoras da área da psicologia e por um falante nativo de inglês, fluente em português e professor de inglês. Após ligeiros ajustes resultantes deste processo, foi realizado um teste com 11 elementos para verificar a clareza ou compreensibilidade dos itens. Não tendo surgido qualquer comentário ou dúvida, chegou-se a uma versão final que integrou o protocolo de investigação com outros instrumentos de avaliação. Este processo obedeceu às recomendações de Hambleton, et al. (2005) e da International Test Commission (2017).

O estudo foi submetido à Comissão de Ética que deu parecer favorável (CE-P06-21), determinando que o estudo cumpria com os procedimentos éticos requeridos (Anexo 2.).

Seguidamente procedeu-se à recolha de dados no dia 26 de janeiro de 2021 através de um *link* construído numa plataforma *online* (*Google Docs*) onde foi disponibilizada informação essencial sobre a investigação, a qual incluía os objetivos do estudo, critérios de inclusão dos participantes, procedimentos éticos, e consentimento informado (Apêndice E.). Após o consentimento informado, os participantes preencheram o protocolo constituído por um questionário sociodemográfico e quatro questionários de autorresposta. Foi solicitado aos participantes que de forma voluntária indicassem o seu endereço de email para participar num segundo momento de recolha de dados (com um intervalo de 4 semanas), correspondente ao reteste da Escala de Competências Socioemocionais.

A recolha de todos os dados foi finalizada no dia 02 de abril de 2021, tendo conseguido 58 participantes na fase do reteste, o que possibilita a análise da estabilidade temporal da escala SEE.

Análise Estatística

Para a realização da análise estatística utilizou-se o programa informático *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) na versão 23. Na análise estatística recorreu-se aos testes paramétricos, justificados pelo tamanho da amostra ($N = 258$) e pela exploração das variáveis que sugeriram uma distribuição normal. A distribuição das variáveis foi analisada através do teste Kolmogorov-Smirnov e dos valores de Skewness e Kurtosis, não evidenciando enviesamentos graves à normalidade ($|Sk| < 3$ e $|Ku| < 10$) (Kline, 2005). Os procedimentos estatísticos utilizados para a validação da versão portuguesa da SEE, foram os mesmos utilizados pelos autores da versão original.

A estrutura interna da SEE foi examinada através de uma Análise Fatorial Exploratória (AFE) que permite descobrir estatisticamente as estruturas e os fatores latentes subjacentes, ou seja, identificar fatores com base apenas na variação comum. A fatoração do eixo principal (FEP) foi usada para identificar fatores latentes, usando rotação oblíqua (Promax), o que permite que os fatores sejam correlacionados. Os critérios utilizados na retenção de fatores são explicitados na descrição da respetiva análise.

Na análise das características dos itens da SEE foram calculadas as respetivas médias, desvios-padrão, correlação item-total e o coeficiente alfa de Cronbach no caso de o item ser removido. A fins de interpretar a fidedignidade dos itens, segundo Pestana e Gageiro (2008)

alfas de Cronbach razoáveis oscilam entre .71 e .80, bons oscilam entre .81 e .90, e muito bons apresentam valores superiores a .90.

O teste *t* de Student para amostras independentes, foi utilizado para a comparação dos valores médios obtidos nos instrumentos de avaliação, em função do género.

Para analisar as associações entre a pontuação total da SEE e outros instrumentos que avaliam construtos semelhantes ou diferentes, utilizou-se o coeficiente de correlação *r* de Pearson, tendo sido este também utilizado, para a realização do cálculo teste-reteste da SEE com intervalo de 4 semanas. No que diz respeito à interpretação de resultados, foi utilizada a tipologia de Pestana e Gageiro (2014) que considera uma correlação baixa se o resultado oscilar de .20 a .39; uma correlação moderada se oscilar de .40 a .69 ; uma correlação alta se oscilar entre .70 e .89; e uma correlação muito alta se for igual ou superior a .90.

Resultados

Análise da estrutura fatorial

Com a finalidade de perceber quais os componentes ou fatores da SEE e respetivos itens incluídos foi realizada uma análise fatorial exploratória (AFE) através da utilização do eixo principal. A factoração do eixo principal (FEP) foi usada para identificar fatores latentes, usando rotação oblíqua (Promax), o que permite que os fatores sejam correlacionados. Para averiguar o número de fatores estatisticamente significativos, foram considerados os seguintes critérios: (a) a interpretabilidade de cada solução, (b) fatores com autovalores maiores que 1, e (c) cargas fatoriais maiores ou iguais a 0.35. Adicionalmente, o número de fatores a reter foi ainda confirmado pelo teste de Scree Plot e pela Análise Paralela, uma vez que o critério de valores próprios maiores do que 1 pode produzir fatores espúrios (Velicer & Jackson, 1990).

Todos os itens foram altamente correlacionados (ou seja, > 0.40) com a pontuação total da Escala SEE (ver Tabela 3). A análise revelou cinco fatores com autovalores maiores que 1.00. O autovalor do primeiro fator foi de 9.27, enquanto os fatores restantes tiveram autovalores mais baixos (1.76, 1.32, 1.25 e 1.05). O teste de Scree plot sugeriu a retenção de dois fatores. A análise paralela indicou a possibilidade de 5 fatores sendo apenas dois com autovalores superiores a 1 (8.78 e 1.28). Com base nos dados indicados e sua interpretação foram retidos dois fatores (Tabela 1.).

Tabela 1.*Saturações Fatoriais e Comunalidades (h²) para a Estrutura Fatorial da escala SEE (N =258)*

Item	Fator 1	Fator 2	h ²
7. Sou cuidadoso/a na forma como uso o toque nas minhas interações sociais.	.76		.40
6. Posso mostrar o meu aborrecimento sem deixar as pessoas chateadas ou magoadas.	.75		.50
9. Posso recorrer às minhas diversas competências sociais, utilizando-as de acordo com as características da situação.	.70		.58
5. Sou bom/boa a confrontar as pessoas sobre situações delicadas sem as fazer sentir constrangidas ou desrespeitadas.	.69		.54
13. Sei exatamente o que dizer e fazer quando alguém que conheço está triste, desiludido.	.62		.41
24. Sei como acalmar uma conversa difícil, acesa.	.60		.47
18. Consigo coordenar as minhas respostas emocionais com as emoções dos outros de uma forma natural.	.59		.54
16. Eu sorrio de forma "certa" nos momentos certos.	.57		.55
2. Consigo falar facilmente com diferentes pessoas (crianças, colegas, professores, etc.).	.56		.57
1. Faço bem contato visual.	.53		.60
25. Consigo facilmente utilizar o riso para fazer com que as pessoas se sintam bem.	.53		.49
11. Sou bom/boa a ler expressões faciais.	.50		.51
4. Nas interações sociais, as minhas expressões faciais estão perfeitamente sincronizadas.	.48		.44
3. Uso a linguagem corporal das pessoas como forma de me ajudar a reagir.	.46		.56
19. Tenho uma postura corporal aberta e relaxada quando converso com as pessoas.	.43		.59
10. Fico animado/a quando estou a falar.	.39	.34	.52
8. Quando estou a conversar, os meus gestos com as mãos são úteis e não distraem.	.35		.39
21. As pessoas são influenciadas pelos meus sinais emocionais.		.88	.52
22. Uso a minha voz para mostrar as minhas emoções.		.83	.48
20. Pode dizer-se que tenho um rosto expressivo.		.55	.44
14. Uso as qualidades da minha voz para influenciar os outros.		.54	.46
17. Se as pessoas me observassem num grupo, diriam que sou o/a mais dotado/a socialmente.		.48	.51
12. Em eventos sociais (por ex., festas), as pessoas costumam vir ter comigo e apresentar-se.		.46	.46
15. Consigo tornar as interações sociais constrangedoras em situações mais confortáveis.		.41	.36

23. Eu aceno com a cabeça as vezes suficientes para que os outros percebam que estou a ouvir.	.40	.34
Valor Próprio	9.27	1.76
%Variância	37.09	7.05
α Cronbach	.92	.83

Na Tabela 2. é possível comparar os itens que incluem cada um dos fatores da versão original da SEE e da versão portuguesa (SEE-PT). Na versão portuguesa, o item 3 migrou do fator 2 (versão original) para o fator 1. O item 10 saturou nos dois fatores. Por último, os itens 17, 12 e 15 migraram do fator 1 (versão original) para o fator 2.

Tabela 2.

Divisão de itens por fatores da SEE versão original e SEE versão PT

	Itens_Fator 1_Adaptabilidade	Itens_Fator 2_Expressividade
SEE_Versão Original	1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, e 24	3, 10, 11, 14, 20, 21, 22, 23, e 25
SEE_Versão PT	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 16, 18, 19, 24 e 25	10, 21, 22, 20, 14, 17, 12, 15, e 23

Dadas as pequenas diferenças na constituição dos fatores, foi explorada a associação entre os fatores da versão original e da versão portuguesa. Os resultados mostraram uma correlação muito alta quer para o Fator Adaptabilidade ($r = .96, p < .001$), como para o Fator Expressividade ($r = .91, p < .001$), sugerindo, assim uma estrutura equivalente na versão inglesa e portuguesa.

Os fatores apresentaram uma correlação moderada entre si ($r = .65, p < .001$). O Total da escala apresentou uma correlação elevada com o Fator 1 ($r = .94, p < .001$) e com o Fator 2, ($r = .85, p < .001$).

Consistência Interna da SEE

Para determinar a fidedignidade de todos os itens que constituem a escala SEE, foi calculado o alfa de Cronbach para cada um dos mesmos. As médias, desvios padrões, correlações item-total e alfas de Cronbach para cada item da escala SEE são apresentados na Tabela 3.

Tabela 3.*Características psicométricas dos itens da versão portuguesa da SEE (N = 258).*

Itens	M	DP	Correlação item-total corrigida	α se o item for excluído
1. Faço bem contato visual.	3.78	0.93	.64	.92
2. Consigo falar facilmente com diferentes pessoas (crianças, colegas, professores, etc.).	3.96	0.99	.60	.92
3. Uso a linguagem corporal das pessoas como forma de me ajudar a reagir.	3.84	0.93	.61	.92
4. Nas interações sociais, as minhas expressões faciais estão perfeitamente sincronizadas.	3.84	0.90	.55	.92
5. Sou bom/boa a confrontar as pessoas sobre situações delicadas sem as fazer sentir constrangidas ou desrespeitadas.	3.50	1.04	.56	.92
6. Posso mostrar o meu aborrecimento sem deixar as pessoas chateadas ou magoadas.	3.42	0.96	.54	.92
7. Sou cuidadoso/a na forma como uso o toque nas minhas interações sociais.	4.03	0.97	.47	.93
8. Quando estou a conversar, os meus gestos com as mãos são úteis e não distraem.	3.74	1	.49	.93
9. Posso recorrer às minhas diversas competências sociais, utilizando-as de acordo com as características da situação.	3,78	0.93	.69	.92
10. Fico animado/a quando estou a falar.	3.66	0.93	.64	.92
11. Sou bom/boa a ler expressões faciais.	3.81	0.92	.55	.92
12. Em eventos sociais (por ex., festas), as pessoas costumam vir ter comigo e apresentar-se.	2.98	0.99	.52	.92
13. Sei exatamente o que dizer e fazer quando alguém que conheço está triste, desiludido.	3.48	0.95	.53	.92
14. Uso as qualidades da minha voz para influenciar os outros.	2.93	1.14	.54	.93
15. Consigo tornar as interações sociais constrangedoras em situações mais confortáveis.	3.11	1.09	.48	.92
16. Eu sorrio de forma "certa" nos momentos certos.	3.68	0.96	.62	.92
17. Se as pessoas me observassem num grupo, diriam que sou o/a mais dotado/a socialmente.	2.79	1.06	.60	.92
18. Consigo coordenar as minhas respostas emocionais com as emoções dos outros de uma forma natural.	3.45	0.88	.65	.92
19. Tenho uma postura corporal aberta e relaxada quando converso com as pessoas.	3.47	0.97	.69	.92
20. Pode dizer-se que tenho um rosto expressivo.	3.92	0.97	.53	.92
21. As pessoas são influenciadas pelos meus sinais emocionais.	3.13	0.95	.47	.93
22. Uso a minha voz para mostrar as minhas emoções.	3.43	1.03	.51	.93

23. Eu aceno com a cabeça as vezes suficientes para que os outros percebam que estou a ouvir.	3.74	1.07	.41	.93
24. Sei como acalmar uma conversa difícil, acesa.	3.42	0.92	.55	.92
25. Consigo facilmente utilizar o riso para fazer com que as pessoas se sintam bem.	3.92	0.95	.59	.92
Total	88.82	14.74		.93

Como podemos verificar, todas as correlações item-total mostraram valores superiores a .40, e os alfas de Cronbach de cada item variaram entre .92 e .93, razão pela qual não foi eliminado nenhum item da escala.

Estabilidade Temporal (fidedignidade teste-reteste)

Para analisar a fidedignidade teste-reteste, a escala da SEE foi novamente preenchida (reteste) por 58 participantes [51 mulheres e 7 homens com uma média de idade de 25.47 ($DP = 9.50$)] com um intervalo de 4 semanas. Foi obtida uma correlação moderada e estatisticamente significativa entre os resultados angariados nos dois momentos ($r = .58, p < .001$). Uma vez que foi obtida uma associação moderada, a fidedignidade teste-reteste foi também confirmada através da comparação dos valores médios nos dois momentos pelo teste t de Student para amostras emparelhadas. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois momentos ($t_{(57)} = 1.00, p = .320$), assegurando a estabilidade temporal.

Validade Convergente e Divergente

Para analisar a validade convergente e divergente da SEE, foram realizadas correlações de Pearson entre as competências socioemocionais (SEE) e Inteligência emocional (SEIS), felicidade subjectiva (SHS) e ansiedade de interação social (SIAS). Como podemos verificar na Tabela 4., todos os coeficientes de correlação foram estatisticamente significativos ($p < .001$) e variaram entre .95 e -.44.

Tabela 4.
Correlações entre as escalas em estudo.

Escalas	SEE_F1PT	SEE_F2PT	SEE_Total	SHS_Total	SIAS_Total	SEIS_Total
SEE_F1PT	1					
SEE_F2PT	.65**	1				
SEE_Total	.95**	.85**	1			
SHS_Total	.27**	.16**	.26**	1		
SIAS_Total	-.39**	-.18**	-.36**	-.44**	1	
SEIS_Total	.56**	.48**	.58**	.38**	-.31**	1

Nota. ** $p < .001$

SEE = Social-Emotional Expertise; SEIS = Schutte Emotional Intelligence Scale; SHS = Subjective Happiness Scale; SIAS = Social Interaction Anxiety Scale

No que refere à validade convergente, o valor global da SEE apresentou uma associação positiva moderada com a escala SEIS ($r = .58$; $p < .001$) e baixa com a escala SHS ($r = .26$; $p < .001$). Como validade divergente, a SEE (global) apresentou um coeficiente de correlação baixo negativo estatisticamente significativo com a escala SIAS ($r = -.36$; $p < .001$). Relativamente aos fatores da SEE, verificou-se que o Fator1, designado de Adaptabilidade, evidenciou correlações mais elevadas com as restantes variáveis, que o Fator 2, nomeado de Expressividade.

Análise das variáveis sociodemográficas nos valores médios da SEE

Não foram encontradas diferenças significativas de género, nem para o total da SEE ($t_{(257)} = -1.94$, $p = .057$), nem para o Fator 1 ($t_{(257)} = -1.91$, $p = .062$) e Fator 2 ($t_{(257)} = -1.77$, $p = .083$). A idade não se mostrou associada com o total ($r = -.21$, $p = .113$), Fator 1 ($r = -.21$, $p = .110$) e Fator 2 ($r = -.20$, $p = .130$). O mesmo o padrão foi encontrado para a escolaridade que não se mostrou associada ao total da SEE ($r = .05$, $p = .409$), Fator 1 ($r = .05$, $p = .463$) e Fator 2 ($r = .04$, $p = .575$).

Discussão

Dadas as dificuldades de avaliação das competências socioemocionais e da necessidade de instrumentos que as avaliem, a tradução e validação da escala *Social-Emotional Expertise* (SEE) para a população Portuguesa apresentou-se como objetivo central deste estudo. A

exploração das dimensões da escala, o estudo da sua consistência interna, estabilidade temporal e validade convergente e divergente constituíram os seus objetivos específicos.

Com base na análise da estrutura fatorial (AFE), foi possível identificar a presença de dois fatores; o Fator *Adaptabilidade* que engloba 17 itens, os quais possuem a finalidade de avaliar as competências que o indivíduo possui para adaptar-se facilmente a uma variedade de interações sociais e emocionais (e.g., “Nas interações sociais, as minhas expressões faciais estão perfeitamente sincronizadas”), e o Fator *Expressividade* que inclui 9 itens que procuram avaliar as competências que o indivíduo possui para expressar emoções para os outros (e.g., “As pessoas são influenciadas pelos meus sinais emocionais”). Os vinte-cinco itens da escala evidenciaram saturações fatoriais elevadas, bem como correlações item-total moderadas, pelo que não foi eliminado qualquer item, mantendo assim a estrutura da versão original (McBrien et al., 2018).

Comparadas as estruturas fatoriais da versão inglesa original e da versão portuguesa, verificaram-se ligeiras alterações na distribuição dos itens pelos fatores. Apesar da composição dos fatores se ter conservado na sua globalidade, mantendo-se os itens com maior peso fatorial, verificou-se, igualmente, a migração de alguns itens e a polisaturação de um item (item 10). Estes dados podem ser explicados pela associação moderada entre os dois fatores (*Adaptabilidade* e *Expressividade*) e por aspetos culturais ligados à interpretação dos itens na versão portuguesa. De notar, contudo, que foi confirmada a existência de uma correlação muito alta entre os fatores de cada uma das versões, sugerindo que os fatores da versão portuguesa estão a medir o mesmo que os da versão inglesa.

No que refere à fidedignidade, a versão portuguesa da SEE apresentou uma excelente consistência interna para o total e fatores, corroborando os valores encontrado na versão inglesa original ($\alpha = .90$; $\alpha_{\text{Adaptabilidade}} = .91$; $\alpha_{\text{Expressividade}} = .82$) (McBrien et al., 2018). Estes resultados suportam a fidedignidade da escala para avaliar competências socioemocionais.

O estudo da estabilidade temporal, no intervalo de 4 semanas, mostrou que a versão portuguesa da SEE apresenta uma fidedignidade teste-reteste adequada.

Na análise da validade convergente e divergente, o *score* global da SEE apresentou uma correlação positiva moderada com a inteligência emocional, e uma associação positiva baixa com a felicidade subjetiva, sugerindo que, quantas mais competências socioemocionais os indivíduo apresentam, mais capacidades de autoconhecimento e autocontrole emocional,

automotivação e empatia, assim como maior facilidade no desenvolvimento de relações interpessoais, proporcionando-lhes mais satisfação pela vida, onde as emoções positivas predominam sobre as negativas. Inversamente, mostrou uma correlação negativa baixa com a ansiedade de interação social, o que nos indica que, quantas mais competências socioemocionais os indivíduos apresentam, menos dificuldades em interagir com outras pessoas, assim como menos receio de dar a sua opinião sobre algum assunto ou falar em público. Os dados sugerem que o Fator *Adaptabilidade* poderá ter um papel mais relevante que o Fator *Expressividade*, já que mostrou uma associação mais clara com as variáveis em estudo, facto que também se evidenciou na escala original (McBrien et al., 2018). Os resultados obtidos surgiram no sentido esperado, estando em sintonia com os resultados encontrados pelos autores da escala original.

No que respeita à análise convergente, os dados foram ao encontro das conclusões obtidas por outros autores, evidenciando a estreita relação entre as competências socioemocionais e a inteligência emocional (Marin et al., 2017; Nakano et al., 2019), bem como com a felicidade subjetiva (Gondim et al., 2014). Esta evidência sugere que o indivíduo que disponha de competências socioemocionais, certamente possuirá também níveis mais elevados de inteligência emocional e de felicidade subjetiva, que os sujeitos que não disponham das mesmas. Relativamente a análise divergente, o estudo de Lordo et al. (2016), direccionado para adolescentes, apresenta, assim como o nosso estudo, uma correlação negativa entre a ansiedade social e as competências sociais, facto que realça a importância do desenvolvimento de competências socioemocionais com a finalidade de diminuir níveis de ansiedade social, podendo assim prevenir comportamentos antissociais independentemente da faixa etária do indivíduo.

Quanto à análise das variáveis sociodemográficas, parece não haver influência do género, idade e escolaridade nas competências socioemocionais avaliadas pela SEE. Por outras palavras, os valores médios obtidos na SEE não se distinguiram em função do sexo, nem se mostraram associados à idade e escolaridade, facto que não se assemelhou com a versão original da SEE, pois esta última, evidenciou diferenças significativas de género para os scores totais da escala, assim como o Fator *Expressividade* onde as mulheres adquiriram pontuações mais elevadas do que os homens nas avaliações de autorrelato. No caso do Fator

Adaptabilidade, este não constatou diferenças de género nas avaliações. Seria importante estudos futuros clarificarem o papel destas variáveis.

No presente estudo manifestaram-se algumas limitações que devem ser tidas em conta. O próprio apresentou uma distribuição desigual no que refere ao género dos participantes, sendo que o total dos mesmos está constituído por mais mulheres do que homens. Devido ao confinamento da pandemia Covid-19, a recolha de dados foi realizada *online* e não presencialmente, pelo que não foi possível controlar as condições de preenchimento do protocolo ou assegurar qualquer esclarecimento que fosse necessário. A natureza transversal e correlacional do estudo é outra das limitações a considerar, pois não permite o estabelecimento de relações causais entre as variáveis. A utilização exclusiva de instrumentos de autorrelato também pode ter condicionado os dados obtidos. Como tal, seria enriquecedor que em pesquisas futuras fossem utilizados outros procedimentos de avaliação, como por exemplo, uma entrevista estruturada ou observação comportamental para avaliação das competências socioemocionais, como forma de adquirir informação mais detalhada, reduzindo possíveis enviesamentos.

Apesar das limitações apontadas, este estudo disponibiliza um novo instrumento para a população Portuguesa, contribuindo para a investigação das competências socioemocionais. Com este estudo, podemos concluir que a escala SEE versão portuguesa reúne as características psicométricas adequadas para a sua validação, podendo deste modo ser administrada à população Portuguesa. Dada a escassez de instrumentos de competências socioemocionais para a população Portuguesa, este estudo deu um contributo relevante ao nível da avaliação e intervenção, em contexto educativo e clínico.

Referências Bibliográficas

- Abed, A. L. Z. (2016). O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica. *Construção psicopedagógica*, 24(25), 8-27. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cp/v24n25/02.pdf>
- Coelho, V. A., Marchante, M., Sousa, V., & Romão, A. M. (2016). Programas de intervenção para o desenvolvimento de competências socioemocionais: Uma revisão crítica dos enquadramentos SEL e SEAL. *Análise Psicológica*, 34(1), 61-72. <https://pdfs.semanticscholar.org/fc38/dc7dd90839dffa6a020a4afeda95f00f66a.pdf>
- Coelho, V., Sousa, V., & Marchante M. (2014). Desenvolvimento e validação do questionário de avaliação de competências socioemocionais versão professores. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 1(2), 17-22. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=349833719025>
- Coelho, V. A., Sousa, V., & Marchante M. (2015). Development and Validation of the Social and Emotional Competencies Evaluation Questionnaire. *Journal of Educational and Developmental Psychology*, 5(1), 139-147. <http://dx.doi.org/10.5539/jedp.v5n1p139>
- Coelho, V. A., & Sousa, V. (2020). Validação do questionário de avaliação de competências socioemocionais para alunos de 1º e 2º ciclo do ensino básico. *Revista INFAD de Psicología. International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 2(1), 431-440. <https://doi.org/10.17060/ijodaep.2020.n1.v2.1863>
- Cronbach, L. J., & Meehl, P. E. (1955). Construct validity in psychological tests. *Psychological Bulletin*, 52(4), 281-302. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/h0040957>
- Erkut, S. (2010). Developing multiple language versions of instruments for intercultural research. *Child Development Perspectives*, 4(1), 19-24. <https://doi.org/10.1111/j.1750-8606.2009.00111.x>

- Gaspar, T., Tomé, G., Gómez-Baya, D., Guedes, F. B., Cerqueira, A., Borges, A., & Matos, M. G. (2019). O bem-estar e a saúde mental dos adolescentes portugueses. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, 10(1), 17-27. <https://www.researchgate.net/publication/332621705>
- Gondim, S. M. G., Morais, F. A. D., & Brantes, C. D. A. A. (2014). Competências socioemocionais: fator-chave no desenvolvimento de competências para o trabalho. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 14(4), 394-406. <http://submission-pepsic.scielo.br/index.php/rpot/index>
- Hambleton, R. K., Merenda, P. F., & Spielberger, C. D. (2005). *Adapting educational and psychological tests for cross-cultural assessment*. L. Erlbaum Associates.
- Humphrey, N. (2013). *Social and emotional learning: A critical appraisal*. Sage Publications Ltd.
- International Test Commission. (2010). *International test commission guidelines for translating and adapting tests*. International Test Commission. <http://www.intestcom.org>
- Kandler, C., & Zapko-Willmes, A. (2017). Theoretical perspectives on the interplay of nature and nurture in personality development. In *Personality development across the lifespan* (pp. 101-115). Academic Press. <http://dx.doi.org/10.1016/B978-0-12-804674-6.00008-9>
- Kline, R. B. (2005). *Principles and practice of structural equation modelling* (2nd ed.). The Guildford Press.
- Lechner, C., Anger, S., & Rammstedt, B. (2019). Socio-emotional Skill in Education and Beyond: Recent Evidence and Future Research Avenues. *Research Handbook on the Sociology of Education*. Edward Algar Publishing. <https://www.researchgate.net/publication/327557835>

- Lemos, M. S. D., & Meneses, H. I. (2002). A avaliação da competência social: Versão portuguesa da forma para professores do SSRS. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18, 267-274. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722002000300005>
- Lindqvist, E., & Westman, R. (2011). The labor market returns to cognitive and noncognitive ability: Evidence from the Swedish enlistment. *American Economic Journal: Applied Economics*, 3(1), 101-28. <https://www.econstor.eu/bitstream/10419/81421/1/wp794.pdf>
- Lordo, D. N., Bertolin, M., Sudikoff, E. L., Keith, C., Braddock, B., & Kaufman, D. A. (2016). Parents perceive improvements in socio-emotional functioning in adolescents with ASD following social skills treatment. *Journal of autism and developmental disorders*, 47(1), 203-214. <https://www.semel.ucla.edu/sites/default/files/users/user-293/16 - lordo et al. 2016.pdf>
- Lyubomirsky, S., & Lepper, H. S. (1999). A measure of subjective happiness: Preliminary reliability and construct validation. *Social indicators research*, 46(2), 137-155. <https://escholarship.org/uc/item/2185n8gb>
- Mahoney, J. L., & Weissberg, R. P. (2019). What is systemic social and emotional learning and why does it matter? *The Blue Dot*, 10, 16-24. https://www.researchgate.net/publication/334446220_What_is_systemic_social_and_emotional_learning_and_why_does_it_matter
- Marin, A. H., Silva, C. T. D., Andrade, E. I. D., Bernardes, J., & Fava, D. C. (2017). Competência socioemocional: conceitos e instrumentos associados. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 13(2), 92-103. <http://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20170014>
- Marinho-Araujo, C. M., & Almeida, L. S. (2016). Abordagem de competências, desenvolvimento humano e educação superior. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(SPE). <https://doi.org/10.1590/0102-3772e32ne212>

- Mattick, R. P., & Clarke, J. C. (1998). Development and validation of measures of social phobia scrutiny fear and social interaction anxiety. *Behaviour research and therapy*, 36(4), 455-470. [https://doi.org/10.1016/S0005-7967\(97\)10031-6](https://doi.org/10.1016/S0005-7967(97)10031-6)
- McBrien, A., Wild, M. & Bachorowski, J. A. (2018). Social-Emotional Expertise (SEE) Scale: development and initial validation. *Assessment*, 27(8), 1718-1730. <https://doi.org/10.1177%2F1073191118794866>
- Morgado, A. M., & Dias, M. L. V. (2016). Comportamento Antissocial na Adolescência: o papel de características individuais num fenómeno social. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 17(1), 15-22. <https://www.redalyc.org/pdf/362/36245014002.pdf>
- Nakano, T. C., Moraes, I. D. T., & Oliveira, A. W. (2019). Relação entre inteligência e competências socioemocionais em crianças e adolescentes. *Revista de Psicologia (PUCP)*, 37(2), 407-424. <https://doi.org/10.18800/psico.201902.002>
- Pais-Ribeiro, J. L. (2012). Validação transcultural da escala de felicidade subjectiva de Lyubomirsky e Lepper. *Psicologia, saúde e doenças*, 13(2), 157-168. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=36225171003>
- Pérez, N & Filella, G. (2019). Educación emocional para el desarrollo de competencias emocionales en niños y adolescentes. *Praxis & Saber*, 10(24), 23-44. <https://doi.org/10.19053/22160159.v10.n25.2019.8941>
- Pestana, M. H, & Gageiro, J. N. (2008). *Análise de dados para ciências sociais-A complementaridade do SPSS* (2ª ed.). Edições Sílabo
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2014). *Análise de dados para ciências sociais-A complementariedade do SPSS*. (M. Robalo, Ed.) (6a ed.). Edições Sílabo.
- Pinto-Gouveia, J., & Salvador, M. D. C. (2001). The social interaction anxiety scale and the social phobia scale in the Portuguese population. In *XXXI Annual Congress of European Association For Behavioural and Cognitive Therapies, Istambul–Turkey*.

- Rammstedt, B., Lechner, C. M., & Danner, D. (2018). Relationships between personality and cognitive ability: A facet-level analysis. *Journal of Intelligence*, 6(2), 28. <https://doi.org/10.3390/jintelligence6020028>
- Rodrigues, F. A., Carvalho, S. S., & Melo, A. S. A. S. (2020). Alfabetização das Competências Socioemocionais na Educação Infantil: Habilidades para a Vida. *Revista Multidisciplinar e de Psicologia*, 14(54), 150-170. <https://doi.org/10.14295/online.v15i54.2952>
- Rogers-Shaw, C., & Carr-Chellman, D. (2018). Developing Care and Socio-Emotional Learning in First Year Doctoral Students: Building Capacity for Success. *International Journal of Doctoral Studies*, 13(2018), 233-253. <https://doi.org/10.28945/4064>
- Ruiz, J. & Moya, S. (2020). Evaluación de las competencias y de los resultados de aprendizaje en destreza y habilidades en los estudiantes de grado de podología de la Universidad de Barcelona. *Educación Médica*, 21(2), 127-136. <https://doi.org/10.1016/j.edumed.2018.08.007>
- Salmela-Aro, K., & Upadaya, K. (2020). School engagement and school burnout profiles during high school-The role of socio-emotional skills. *European Journal of Developmental Psychology*, 17(6), 943-964. <https://doi.org/10.1080/17405629.2020.1785860>
- Santos, D., & Primi, R. (2014). *Desenvolvimento socioemocional e aprendizado escolar: uma proposta de mensuração para apoiar políticas públicas*. Instituto Ayrton Senna.
- Schutte, N. S., Malouff, J. M., Hall, L. E., Haggerty, D. J., Cooper, J. T., Golden, C. J., & Dornheim, L. (1998). Development and validation of a measure of emotional intelligence. *Personality and individual differences*, 25(2), 167-177. [https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(98\)00001-4](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(98)00001-4)

- Soto, C. J., & John, O. P. (2017). The next Big Five Inventory (BFI-2): Developing and assessing a hierarchical model with 15 facets to enhance bandwidth, fidelity, and predictive power. *Journal of personality and social psychology*, *113*(1), 117. <http://dx.doi.org/10.1037/pspp0000096>
- Taylor, R. D., Oberle, E., Durlak, J. A., & Weissberg, R. P. (2017). Promoting positive youth development through school-based social and emotional learning interventions: a meta-analysis of follow-up effects. *Child development*, *88*(4), 1156-1171. <https://doi.org/10.1111/cdev.12864>
- Thiel, H., & Thomsen, S. L. (2013). Noncognitive skills in economics: Models, measurement, and empirical evidence. *Research in Economics*, *67*(2), 189-214. <https://www.econstor.eu/bitstream/10419/54966/1/684245213.pdf>
- Velicer, W. F., & Jackson, D. N. (1990). Component analysis versus common factor analysis: Some issues in selecting an appropriate procedure. *Multivariate behavioral research*, *25*(1), 1-28. https://doi.org/10.1207/s15327906mbr2501_1
- Vicente, L. C. M. (2014). Validação da Escala de Inteligência Emocional de Schutte [Dissertação de Mestrado, Universidade da Beira Interior Ciências Sociais e Humanidades]. Repositório Digital da UBI. <http://hdl.handle.net/10400.6/5583>
- Vukasović, T., & Bratko, D. (2015). Heritability of personality: A meta-analysis of behavior genetic studies. *Psychological bulletin*, *141*(4), 769. <http://dx.doi.org/10.1037/bul0000017>
- Weissberg, R. P., Durlak, J. A., Domitrovich, C., & Gullotta, T. P. (2015). Social and emotional learning: Past, present, and future, *2015*, 3-19. <https://www.researchgate.net/publication/302991262>

Anexos

Anexo 1. Versão Original da *Social-Emotional Expertise (SEE) Scale*

(*McBrien, A., Wild, M., & Bachorowski, J., 2018*)

Social-Emotional Expertise Scale

Please answer each of the following items by circling the response that best describes what's typical of you

	Never	Neutral	Always
1. I'm good at making eye contact.	1	2	3 4 5
2. I can talk easily with people of any level (kids, peers, professors, etc.).	1	2	3 4 5
3. I use people's body language to help me know how to respond to them.	1	2	3 4 5
4. In social interactions, my facial expressions are perfectly timed.	1	2	3 4 5
5. I'm good at confronting people about sensitive situations without making them feel awkward or disrespected.	1	2	3 4 5
6. I can express annoyance without putting people off.	1	2	3 4 5
7. I use just the right amount and kind of touch in my social interactions.	1	2	3 4 5
8. In conversations, my hand gestures are helpful, not distracting.	1	2	3 4 5
9. I can easily draw on my various social skills as situations warrant.	1	2	3 4 5
10. I'm animated when I speak.	1	2	3 4 5
11. I'm good at reading facial expressions.	1	2	3 4 5
12. At social events like parties, people often introduce themselves to me.	1	2	3 4 5
13. I know just the right things to say and do when someone I know is upset.	1	2	3 4 5
14. I use the qualities of my voice to influence others.	1	2	3 4 5
15. I can make awkward social interactions feel more comfortable.	1	2	3 4 5
16. I produce the "right" sorts of smiles at just the right times.	1	2	3 4 5
17. If people observed me in a group, they would say I'm the most socially gifted.	1	2	3 4 5
18. I'm a natural at knowing how to coordinate my emotional responses to others' emotions.	1	2	3 4 5
19. I have a relaxed, open body posture when I talk with people.	1	2	3 4 5

	Never		Neutral		Always
20. Others would say I have an expressive face.	1	2	3	4	5
21. People are swayed or influenced by my emotional signals.	1	2	3	4	5
22. I use my voice to convey my emotions.	1	2	3	4	5
23. I nod my head the right amount to let others know that I'm listening.	1	2	3	4	5
24. I know how to calm a heated conversation.	1	2	3	4	5
25. I'm good at using laughter to make other people feel good.	1	2	3	4	5

Anexo 2. Parecer da Comissão de ética



Parecer da Comissão de Ética

Parecer: CE-P06-21

Projeto de Investigação: Validação da Versão Portuguesa da Social-Emotional Expertise (SEE) Scale e sua relação com a Ansiedade Social

Investigadores: Mestrandas Ana Beatriz Neto dos Santos e Mariana Novo

Orientadora: Professora Doutora Marina Cunha

Data entrada: 17 de janeiro de 2021

Data de apreciação: 16 de fevereiro de 2021

Fundamentação do parecer

É um estudo com vista à realização de investigação de Mestrado em Psicologia Clínica, na área de Especialização em Terapias Cognitivo-comportamentais.

É conhecida a importância da qualidade das interações sociais para um desenvolvimento equilibrado, integrado e harmonioso do ser humano (Santos et al., 2018; Marin et al., 2017). Existem diferenças individuais na forma como as pessoas interagem umas com as outras no seu quotidiano. Algumas pessoas manifestam grande dificuldade nas situações sociais (Marin et al., 2017), enquanto outras lidam fluentemente com este tipo de situações, podendo, no primeiro caso, ter implicações nefastas em diversas áreas de vida (e.g., individual, familiar, social, académico, profissional). Diversos constructos têm procurado integrar os processos cognitivos e afetivos subjacentes ao comportamento social. Estes constructos focam-se essencialmente no processamento adequado dos sinais ou pistas sociais e na utilização destas pistas para orientar o comportamento futuro do indivíduo. Contudo, estes constructos não realçam os comportamentos reais que facilitam as interações e transmitem sinais ou informação socialmente relevante.

Página 1 de 3



Nesse sentido, McBrien et al. (2018) desenvolveram a escala Socio-emotional Expertise, procurando colmatar esta lacuna. Não existe até à data uma versão portuguesa deste instrumento.

A presente investigação tem como objetivos: 1) Traduzir e adaptar para português europeu a SEES, seguindo o procedimento metodológico adequado (Hambleton et al., (2005) e recomendações da International Test Commission , 2017); 2) Estudar as propriedades psicométricas da escala através do estudo da qualidade dos itens, consistência interna e estabilidade temporal; 3) Analisar a estrutura fatorial da escala, através da de uma Análise Fatorial Exploratória, bem como através de uma Análise Fatorial Confirmatória; 4) Analisar a relação entre a experiência socio-emocional (pontuações obtidas na SEES) e dados sociodemográficos, como a idade, género e escolaridade; 5) Pesquisar a associação entre a SEE e variáveis de interesse, como a inteligência emocional, ansiedade social e perceção subjetiva de felicidade; 6) Comparar grupos com diferentes níveis de ansiedade social (baixo, médio e elevado) relativamente à experiência socio-emocional, avaliada pela SEE; 7) Analisar qual o melhor modelo preditor da ansiedade social, tendo em conta as variáveis em análise.

Apresenta um design metodológico transversal correlacional, sendo a metodologia de recolha da informação quantitativa (questionários de auto-resposta).

Os critérios de participação estão definidos. Podem participar indivíduos com mais de 18 anos e até 65 anos. São critérios de exclusão, a idade (inferior a 18 anos e superior a 65) e evidência de dificuldades cognitivas ou emocionais impeditivas do preenchimento completo e adequado do protocolo.

O processo de amostragem foi não probabilístico, por conveniência e “bola de neve”.

A recolha de dados é realizada através da plataforma digital Google Docs e o *link* partilhado com recurso às redes sociais.

É garantido que os dados serão analisados anónima e coletivamente pelos investigadores, usados unicamente para fins desta investigação.



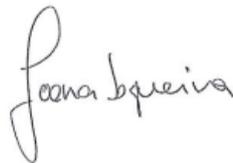
Os instrumentos que constituem o protocolo de investigação são: a) Social Emotional-Expertise (SEE; McBrien et al., 2018), escala a traduzir e validar, que avalia os comportamentos e os mecanismos cognitivos/afetivos que promovem interações sociais bem-sucedidas; b) Social Interaction Anxiety Scale (SIAS; Mattick & Clarke., 1998) que avalia a ansiedade social em situações de interação; c) Scale of Emotional Intelligence (EI; Schutte et al., 1998) avalia a inteligência emocional; e d) Subjective Happiness Scale (SHS; Lyubomirsky & Lepper., 1999) que avalia a felicidade subjetiva.

Os autores autorizaram a utilização dos referidos instrumentos.

Considera esta Comissão de Ética que o estudo em causa cumpre os procedimentos éticos requeridos.

Coimbra, 16 de fevereiro de 2021

Pl' A Comissão de Ética



(Joana Sequeira, Ph.D.)

Apêndices

Apêndice A. Autorização aos autores para a utilização da SEE Versão Original

Dear Marcus Wild,

We are Mariana Novo and Ana Beatriz Santos, and we are master's students in Clinical Psychology, specializing in Cognitive-behavioral Therapies, at Miguel Torga Institute of Higher Education, Coimbra.

To complete our master's dissertation, we and our supervisor, Prof. Marina Cunha, are thinking about validating the Social-Emotional Expertise (SEE) Scale for the Portuguese population. We found that you are the Corresponding Author of the paper "Social-Emotional Expertise (SEE) Scale: Development and Initial Validation".

Our study aims to translate and validate the Social-Emotional Expertise Scale in a community sample of Portuguese adults.

Accordingly, we are asking your permission to validate the SEE for the Portuguese population.

Thank you for your help. I am looking forward to your positive answer!

Best regards,

Mariana Novo

Dear Mariana,

My apologies for the delayed response! You are welcome to use the SEE Scale for your dissertation work. I have attached a PDF of the SEE Scale in case that would be helpful. Thank you for contacting us for permission to use the scale, and best of luck with your studies!

Best,

Marcus

Marcus G. Wild, MS
Doctoral Candidate, Clinical Science
Department of Psychology
429 Wilson Hall
Vanderbilt University
[615-322-5593](tel:615-322-5593)

Apêndice B. Autorização aos autores para a utilização da escala SEIS

Exma. Senhora Maria Esgalhado,

Sou aluna do 2º ano de Mestrado em Psicologia Clínica no ramo de Terapias Cognitivo Comportamentais do Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra.

Venho por este meio solicitar a sua autorização para a utilização da Escala da Inteligência Emocional de Schutte validada para a população Portuguesa.

Atualmente encontro-me a realizar a minha Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e é, de suma importância a sua autorização para poder dar seguimento à minha investigação sobre competências socioemocionais orientada pela Prof.ª. Dr.ª. Marina Cunha.

Agradeço a sua colaboração, ficando a aguardar a sua resposta.

Com os melhores cumprimentos,

Beatriz Santos.

Cara Beatriz Santos,

Autorizo e tenho muito gosto que utilize a Escala, fazendo a referência aos autores.
Faço votos de sucesso na investigação que se propões realizar.

Saudações académicas à Prof. Doutora Marina Cunha.

Cumprimentos.

Graça Esgalhado
Professora Auxiliar

Departamento de Psicologia e Educação
Universidade da Beira Interior
Estrada do Sineiro
6201-001 Covilhã PORTUGAL
Telef. +351 275 319 608

Apêndice C. Autorização aos autores para a utilização da escala SHS

Exmo. Senhor José Pais-Ribeiro,

Sou aluna do 2º ano de Mestrado em Psicologia Clínica no ramo de Terapias Cognitivo Comportamentais do Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra.

Venho por este meio solicitar a sua autorização para a utilização da Subjective Happiness Scale (SHS) validada para a população Portuguesa. Caso a sua resposta seja positiva, agradecia ainda o favor de me enviar a escala e os materiais de suporte (artigos e cotação), a fim de dar seguimento à minha investigação (Dissertação de Mestrado) sobre competências socio-emocionais orientada pela Prof.ª Dr.ª Marina Cunha.

Agradeço a sua colaboração, ficando a aguardar a sua resposta.

Com os melhores cumprimentos,

Beatriz Santos.

Cara Colega

Autorizamos o uso da versão da Subjective Happiness Scale, que estudámos para uso com a população portuguesa.

cordialmente

José Luís Pais Ribeiro

jlpr@fpce.up.pt

mobile phone: (351) 965045590

web page: <http://sites.google.com/site/jpaisribeiro/>

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2882-8056>

ResearchGate- https://www.researchgate.net/profile/Jose_Pais-Ribeiro/publications

Apêndice D. Autorização aos autores para a utilização da escala SIAS

Exma. Senhora Doutra Ceu

Somos alunas do 2º ano de Mestrado em Psicologia Clínica (Ramo de Terapias Cognitivo Comportamentais), do Instituto Superior Miguel Torga (Coimbra), e vimos, por este meio solicitar a autorização para a utilização da Social Interaction Anxiety Scale (SIAS). Caso a resposta seja positiva, agradecemos ainda o favor de nos enviar a escala e os materiais de suporte (artigos e cotação), a fim de dar seguimento ao estudo sobre competências socio-emocionais e ansiedade social, orientado por Professora Doutora Marina Cunha.

Agradecemos a sua colaboração, ficando a aguardar resposta.

Com os melhores cumprimentos,

Mariana Novo e Ana Beatriz Santos

Caras Mariana e Ana Beatriz

Junto envio a escala solicitada, bem como o poster que foi apresentado num congresso e onde encontrará a informação que necessita.
Espero que ajude no seu estudo
Os melhores cumprimentos
Maria do Céu Salvador

Apêndice E. Consentimento Informado



Código: _____

Consentimento Informado, Livre e Esclarecido **Investigação no âmbito de Mestrado em Psicologia Clínica**

Antes de ceder a sua autorização para participar neste estudo, pedimos-lhe que leia este pequeno texto.

Este trabalho de investigação decorre no âmbito da realização de um trabalho científico do Mestrado em Psicologia Clínica do Instituto Superior Miguel Torga (Coimbra), estando enquadrado na Validação da Versão Portuguesa da Social-Emotional Expertise (SEE) Scale associada à Ansiedade Social, cujo objetivo é a compreensão entre cognição e comportamento pro-social, bem como, explorar a sua ligação à ansiedade social.

Para concretizarmos este objetivo, necessitamos que preencha um conjunto de questionários que consiste na SEE (McBrien et al., 2018), SIAS (Mattick & Clarke., 1998), EI (Schutte et al., 1998) e SHS (Lyubomirsky & Lepper., 1999).

A sua participação, embora voluntária, é muito importante para a realização deste estudo. Todos os dados recolhidos têm a garantia de confidencialidade, e obedecem aos preceitos orientadores para a elaboração de trabalhos científicos, sendo utilizados apenas para fins estatísticos.

O/A investigador/a está disponível para qualquer esclarecimento acerca do estudo, se assim for o desejo do participante.

Se, em algum momento, optar por não continuar, é livre de desistir e entregar o questionário. Uma vez terminado o preenchimento, por favor, devolva-o.

Obrigado pela sua disponibilidade e colaboração.

Declaro que fui esclarecido acerca dos objetivos e procedimentos desta investigação e que aceito participar nela de livre vontade, além de autorizar o uso dos dados para os fins estatísticos relacionadas com esta pesquisa.

Assinatura/rubrica: _____

Coimbra, _____ de _____ de _____

Contactos: _____ (investigador principal e investigador que recolhe os dados)